

ALMADA

ARQUEOLOGIA • PATRIMÓNIO • HISTÓRIA LOCAL

especial

PATRIMÓNIO E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

inquerito aos

**Planos Directores
Municipais de 1ª Geração**

entrevista com

Gonçalo Ribeiro Telles

Pesca de Naufrágios: história e
arqueologia do mergulho

Viriato: o homem e o mito

Património Industrial:

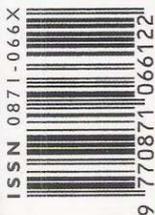
Companhia Portuguesa de Pescas

Construção naval tradicional

IIª Série • n.º 12

Dezembro 2003

13 euros



crónicas • opinião • livros • eventos • notícias • conhecer • escavando online

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA

3 **Editorial** • Jorge Raposo

6 **Actualidade**

10 **Crónicas de...** paleontologia • Carlos Marques da Silva • p. 10
 pré-história antiga • Luís Raposo • p. 13
 arqueologia clássica • Amílcar Guerra • p. 18
 arqueologia portuguesa • António Manuel Silva • p. 20
 arqueologia e património • Victor Mestre • p. 22

Arqueologia

25 **A “Pesca de Naufrágios” - II: história e arqueologia**
 do mergulho em navios afundados na Época Moderna
 João Pedro Vaz

40 Indícios de um **Campo Romano na Cava de Viriato?**
 Vasco Gil Mantas

43 **O Balneário Pré-Romano de Braga**
 Francisco Sande Lemos, José M. Freitas Leite, Ana Bettencourt e Marta Azevedo

47 Povoamento Rural Romano do Concelho de Borba
A Villa da Cerca
 Ana Ribeiro

54 Intervenção Arqueológica e Estudo Antropológico
Necrópole do Castelo de Viana do Alentejo
 Paula Tavares, Ana Luísa Santos, Ana Gonçalves,
 Ricardo Silva, Félix Teichner e Ana Cristina Pais

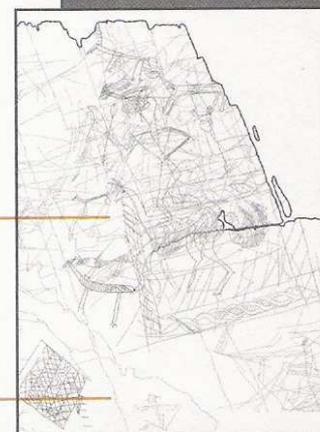
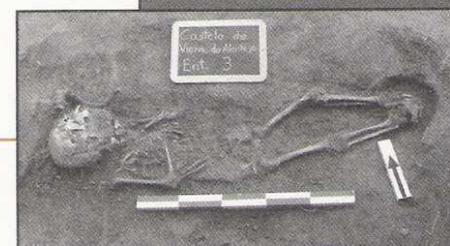
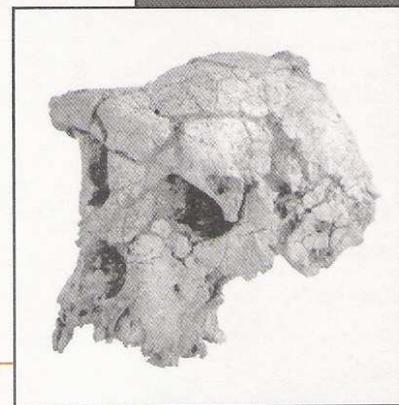
Opinião

65 **Arqueologia de Salvamento:**
 “amostragem mínima obrigatória” ou “direito à livre escolha”?
 António Carlos Silva

70 **A Arte Rupestre Que**
(Quase) Ninguém Quis Encontrar
 António Henriques

71 **Da “Arte Rupestre Que**
(Quase) Ninguém Quis Encontrar”
 à arte rupestre que alguém quis inventar
 António Martinho Baptista

77 Ainda Sobre os Impropriamente Chamados “Ídolos de Cornos”
 do Neolítico Final e do Calcolítico da Estremadura e do Sudoeste
 João Luís Cardoso





- 82** Planos Directores Municipais e Património inquérito aos PDM's de "1ª geração"
Jorge Raposo
- 83** Regime Jurídico dos PDM's
Pedro Costa, Filipa Ramalhete, Graça Serra e Patrícia Veloso
- 92** Incentivos Fiscais Para a Preservação do Património Construído
Filipa Ramalhete, Graça Serra, Patrícia Veloso e Pedro Costa
- 95** Que Planeamento Urbano Temos em Portugal? entrevista com Gonçalo Ribeiro Telles
Filipa Ramalhete e Francisco Silva
- 103** Ordenamento do Território e Património Cultural tradição e mudança
Fernando Nunes da Silva
- 109** Ordenamento do Território e Arqueologia
Francisco Sande Lemos e Ana Roriz
- 115** Integrar a Arqueologia no Planeamento e Gestão do Território Municipal
revisão do PDM de Évora
António Carlos Silva
- 123** Cartas de Sensibilidade Patrimonial
Alexandra Cerveira Pinto Sousa Lima
- 129** Patrimonialização do Espaço e Afirmação Identitária
construção cultural de paisagens na Área Metropolitana de Lisboa
Filomena Silvano

Património

- 135** A Estratégia de Bartolomeu Antunes mestre ladrilhador do Paço (1688-1753)
António Celso Mangucci
- 149** Companhia Portuguesa de Pesca
Mário Fernandes
- 157** Os Estaleiros e a Construção Naval Tradicional
Adolfo Silveira Martins



164 Livros • 169 Eventos • 174 Actividade Arqueológica • 202 Notícias
210 A Descoberta • 214 Conhecer • 218 Escavando Online • 222 Recortes

a b s t r a c t

Results of the archaeological and anthropological research on the necropolis of the castle of Viana do Alentejo (Évora). The castle was built at the end of the 15th/beginning of the 16th century and is considered to be one of the finest examples of the "Manueline" architectural style in the south of Portugal.

Sixteen skeletons and the remains of at least other eight individuals were dug out. They had been buried there during the 15th and 16th centuries, when the town's Mother Church and the Church of Misericórdia were built inside the castle. It was possible to establish not only burial practices at the time, but also the genre, age, height and discreet characteristics of that population.

r é s u m é

Résultats de la recherche archéologique et anthropologique dans la nécropole du château du village de Viana do Alentejo (Évora), érigé entre la fin du XVème et le début du XVIème siècle et considéré comme l'un des meilleurs exemples de style "manuelin" dans le Sud du Portugal.

On a exhumé 16 squelettes entiers et les ossements d'au moins huit autres individus, déposés là au XVème-XVIème siècles lorsque furent construites à l'intérieur du château l'Eglise principale du village ainsi que l'Eglise de la Misericorde. Outre les pratiques funéraires de l'époque, on a également évalué les sexes et les tranches d'âge, la stature et les caractères discrets de la population représentée.

intervenção arqueológica e estudo antropológico da

Necrópole no Castelo de Viana do Alentejo

por Paula Tavares (*), Ana Luísa Santos (*), Ana Gonçalves (**), Ricardo Silva (**), Félix Teichner (***) e Ana Cristina Pais (****)

(*) Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.

(**) Arkhaios - Profissionais de Arqueologia e Paisagem Lda.

(***) Universitat de Barcelona - Centro para el Estudio de la Interdependencia Provincial en la Antigüedad Clásica.

(****) Instituto Português do Património Arquitectónico - Direcção Regional de Évora.

1. Introdução

A vila de Viana do Alentejo, fortemente marcada pela presença do seu castelo, integra o vasto território do distrito, arquiocese e comarca da cidade de Évora, da qual dista cerca de trinta quilómetros. Segundo a tradição historiográfica, o Castelo de Viana do Alentejo será obra do início do século XIV, em reinado de D. Dinis. Com efeito, há notícia de que o monarca em 1313 fez doação de 1000 libras para a sua fundação, mandando que se "*ergam 400 braças de muro¹, da largura de uma braça e de altura a que não chegasse um homem a cavalo com lança, com a condição de ficar dentro dela a fonte grande*" (ESPANCA 1978).

Contudo, o Castelo que hoje temos em Viana do Alentejo não corresponde a esta intenção régia e as investigações mais recentes inclinam-se para a possibilidade do projecto original de D. Dinis não ter chegado a ser construído, podendo antes o Castelo de Viana ser uma obra dos finais do século XV e inícios XVI (CID 2003)².

O edifício de traça ortogonal é dotado de cinco torres cilíndricas, duas portas públicas, cubelos circulares, em alvenaria. No espaço intramuros, na ala Sul do Castelo, e já no primeiro quartel do século XVI, ergueu-se a nova Igreja Matriz, edifício manuelino, com nítidas influências mudéjares. Classificada pelo

Decreto-Lei de 1910-06-16 como Monumento Nacional (tal como o Castelo), é avaliada como um dos mais preciosos exemplos do estilo manuelino do Sul do país. É uma obra atribuída a Diogo de Arruda que, em 1521, era nomeado mestre das obras da Comarca do Alentejo e desde 1519 se encontrava em Évora, dirigindo as obras do Castelo Novo. Esta Igreja tem paralelos com a da Madalena, de Olivença, e com a antiga Sé de Elvas, revelando, como elas, grande cuidado e qualidade de execução.

A Igreja da Misericórdia, localizada na ala Norte do Castelo, foi edificada no início do século XVI, subsistindo a sua fachada Sul, objecto de reforma estrutural do século XVIII, que se apresenta "rasgada" por janelões de vergas emolduradas de estilo neoclássico. Os antigos Paços do Concelho funcionaram inicialmente em dependências anexas à Igreja da Misericórdia, sendo posteriormente transferidos em finais do século XVII para um novo edifício localizado na praça desta vila (ESPANCA 1978).

No pátio do Castelo, antiga praça de armas, subsistem a Igreja Matriz, a Igreja da Misericórdia e suas dependências privativas (onde se integram os antigos Paços do Concelho), o cruzeiro gótico-manuelino e outros elementos de carácter e valor histórico-artístico erigidos no século XVI. O espaço que me-

deia a Igreja Matriz e as dependências dos Paços do Concelho foi diligenciado como cemitério até 1871 (ESPANCA 1978).

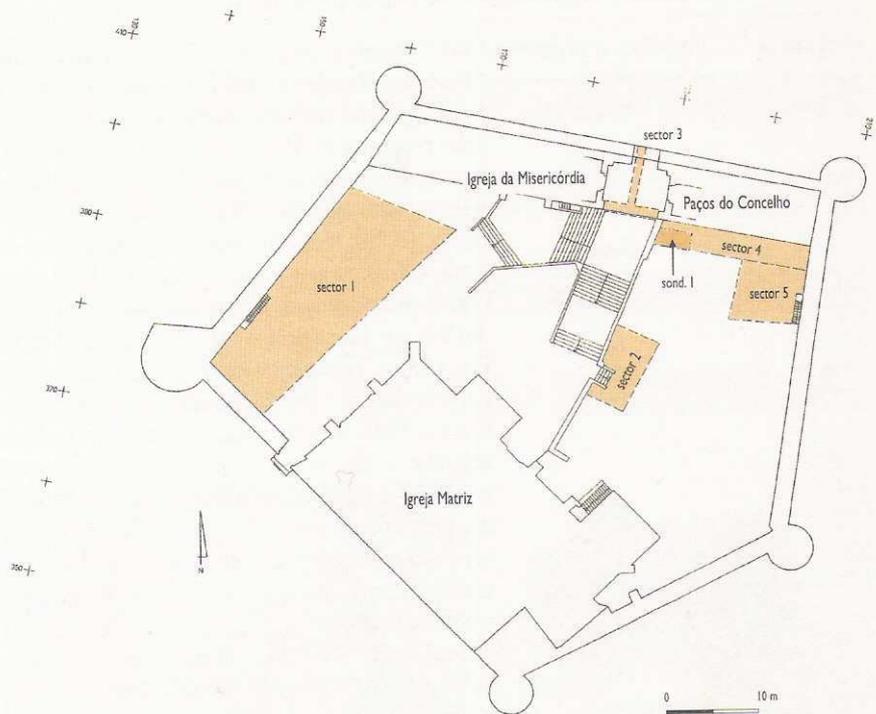
No Castelo de Viana do Alentejo existe um importante conjunto arquitectónico a necessitar de cuidados e que poderá funcionar como um acréscimo significativo dos recursos culturais duma região actualmente bastante desertificada. Neste contexto se insere o *Projecto de Conservação, Recuperação e Valorização do Castelo de Viana do Alentejo*, desenvolvido pelo IPPAR no âmbito do Programa Operacional Regional do Alentejo, tendo como objectivos essenciais a recuperação e conservação do edificado, a regularização de espaços envolventes para simultaneamente poder devolver o Castelo à fruição pública, conferindo-lhe capacidade de acolhimento de visitantes. Os trabalhos, iniciados em 2000 com a Conservação e Restauro de Emergência, as Limpezas e Obras de Manutenção Correntes, passaram pelos Projectos de Restauro e Consolidação Estrutural e pelas Obras de Valorização, culminando, em 2004, com os trabalhos de Divulgação e Animação do conjunto.

As Obras de Valorização do conjunto integraram o *Projecto de Arranjos Exteriores*, que mereceu acompanhamento arqueológico pela Arkhaios e teve início em Novembro de 2002 (GONÇALVES e SILVA 2002). Nessa intervenção foram detectados enterramentos no solo e no perfil Sul junto à entrada Norte do Castelo (sector 4, Figura 1), onde o projecto da obra previa a abertura da vala para fundação do muro de contenção dos aterros do actual jardim. Na sequência destas evidências, o IPPAR solicitou a realização da escavação, que foi desenvolvida, em Março e Abril 2003, conjuntamente pela empresa Arkhaios e por uma equipa do Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra (GONÇALVES e TEICHNER 2003; SANTOS e TAVARES 2003).

A alteração do projecto pelo IPPAR, optando por limitar a fundação da parede de contenção a uma área mais restrita identificada por sondagem 1 (Figura 1), com as dimensões de 3,50 x 1,20 m e uma profundidade de 0,80 m, levou a uma segunda fase de escavação, concluída em Junho de 2003 (GONÇALVES *et al.* 2003).

A intervenção teve como finalidade realizar a escavação da área afectada pelo projecto, definir a sequência estratigráfica dos níveis de enterramentos detectados e precisar cronologias, estudar os restos humanos e adquirir informações sobre o passado e o modo de vida das populações, tais como as práticas funerárias, os sexos e as faixas etárias representadas, a estatura e os caracteres discretos dos indivíduos cujos vestígios foram resgatados da área intervencionada do Castelo e são apresentados neste trabalho.

Desenho: Elita Puh Nimer.



2. Metodologias

As acções desenvolvidas iniciaram-se com a limpeza da superfície do terreno por meios manuais, de forma a identificar as valas das sepulturas e definir a planta de distribuição da necrópole, tendo prosseguido com a exposição de cada um dos enterramentos e ossuários.

A escavação incluiu o desenho à escala de 1:10 e a realização de fotografias digitais e de diapositivos (GONÇALVES e TEICHNER 2003; SANTOS e TAVARES 2003; GONÇALVES *et al.* 2003). Para cada um dos esqueletos em articulação (exceptuando os números 1 e 14) foi também preenchida a ficha antropológica proposta por SANTOS *et al.* (1991-1992), na qual foram anotadas, entre outros elementos, as observações extraíveis de ossos em risco de deterioração. Concomitantemente, foi mantido um diário de campo para demais dados dignos de arquivo. Precavendo a exequibilidade de futuras análises, foram igualmente recolhidas diversas amostras de solo.

Concluída a fase de escavação, a investigação do espólio osteológico e dentário prosseguiu no Departamento de Antropologia, para onde transitou. O estudo laboratorial incluiu a limpeza, a marcação, o restauro e uma avaliação morfométrica através de medições e do cálculo dos índices de robustez (úmero e tibia) e de achatamento (platimeria do fémur e cnémico da tibia), descritos por OLIVIER (1960) e OLIVIER e DEMOULIN (1990).

A estimativa da idade à morte efectuou-se por diversas metodologias. A dentição dos jovens foi comparada com os esquemas de desenvolvimento e erupção dentárias de UBELAKER (1989), o compri-

↑ Figura 1

Planta geral do Castelo, com implantação do sector 4 e da sondagem 1.

¹ O que equivale ao sistema métrico a cerca de 880m (Gil 1924).

² Os estudos em curso começam a levantar novas hipóteses de datação do Castelo de Viana do Alentejo. Uma das dúvidas mais significativas é a sua dimensão, que não se adequa ao que terá sido a intenção de D. Dinis. Por um lado, a medida de "400 braças" não corresponde ao perímetro que o Castelo actualmente apresenta, tal como não se verifica a presença da "fonte grande" referida por Túlio Espanca no espaço intramuros, sendo que a única fonte que se poderia integrar neste contexto se localiza junto ao actual edifício da Câmara Municipal.

mento de ossos longos foi aplicado às tabelas de Stloukal e Hanáková (1978 in FEREMBACH *et al.* 1979), a fusão epifiseal da clavícula foi avaliada pelas propostas de MACLAUGHLIN (1990) e os estádios de desenvolvimento geral de esqueletos imaturos estudados à luz das considerações de SCHEUER e BLACK (2000). Nos não adultos consideraram-se as faixas etárias propostas por BUIKSTRA e UBELAKER (1994): infante, do nascimento aos três anos, criança, dos três aos 12, e adolescentes, dos 12 aos 20 anos. Em adultos, este parâmetro foi determinado pela obliteração das suturas cranianas (MASSET 1982; SANTOS 1995) e pelas metamorfoses da superfície auricular do ílio, segundo a proposta de BEDFORD *et al.* (1991), considerados os intervalos etários sugeridos por SANTOS (1995).

A diagnose sexual em indivíduos imaturos é bastante questionável pela sua falibilidade, daí que não tenha sido pesquisada. Nos adultos, através de caracteres sexuais do crânio (FEREMBACH *et al.* 1979), da bacia (FEREMBACH *et al.* 1979; BRUZEK 2002) e de medidas dos ossos longos (WASTERLAIN 2000), foi possível diagnosticar o sexo de alguns indivíduos.

Para o cálculo da estatura foram empregues as fórmulas de OLIVIER *et al.* (1978) para os úmeros, fémures e tíbias.

Nos ossuários aplicou-se o método de HERRMAN *et al.* (1990), que permite a determinação do número mínimo de indivíduos presentes. Todos os ossos desarticulados e dentes avulsos, e seus fragmentos, foram inventariados e verificados no sentido de apurar se pertenceriam ao(s) enterramento(s) próximo(s).

Procedeu-se ainda à minuciosa observação a olho nu de todos os restos ósseos, com vista à identificação de eventuais caracteres discretos descritos por SAUNDERS (1978) e FINNEGAN (1978).

3. Resultados

A escavação da necrópole decorreu no solo e no perfil Sul, duas áreas afectadas pelas limpezas decorrentes do acompanhamento da obra e pelo projecto de arquitectura em curso no Castelo de Viana do Alentejo. A análise estratigráfica permitiu definir cinco níveis de enterramentos desde o topo do perfil Sul (Nível I), que coincide com a superfície do actual jardim da Igreja Matriz, até ao solo actual (Nível V), com uma potência estratigráfica de cerca de 4 m, junto à entrada Norte do Castelo.

Nível I – localiza-se no topo do perfil Sul, junto à superfície do actual jardim. Este estrato, com cerca de 2 m de potência estratigráfica, localizado 2 m acima do limite inferior da necrópole (Cotas: Z = 101,70 a 104,20 m), não foi escavado, por não ser afectado pelo projecto, mas indica uma utilização até ao final do século XIX.

Nível II – situa-se abaixo do Nível I e também não será atingido pela intervenção. Está inserido numa camada de saibro compacto, semelhante ao identificado no solo junto aos enterramentos do Nível V. Estrato com cerca de 0,40 m de espessura, localizado 1,5 m acima do limite inferior da necrópole (Cotas: Z = 101,30 a 101,70 m).

Nível III – localizado 0,7m acima do limite inferior da necrópole, é formado por uma camada de terra castanha, solta, com muita pedra miúda, com cerca de 1 m de potência estratigráfica (ver Tabela 1). Contém ossos dispersos em terras de enchimento (complexos 25, 27 e 28) e três ossuários (complexos 19, 21, 26), associados a sete enterramentos (4, 9, 10, 11, 12, 13 e 14), certamente contemporâneos (Cotas: Z = 100,30 a 102,50 m) e os mais recentes deste estudo, com uma cronologia de utilização na época pós-medieval.

A escavação destes esqueletos revelou que se encontravam em decúbito dorsal e inumados com orientações diversas (ver Tabela 2): três tinham os pés para Este/Sudeste (enterramentos 4, 11 e 12), dois para Este (números 13 e 14) e o enterramento 9 apresentava-se com os pés para Sudeste. O indivíduo 10, que apenas foi exumado parcialmente, por se encontrar no interior do perfil não afectado pelo projecto, possuía os pés para Sudoeste, uma posição de inumação claramente distinta dos restantes.

Apesar de serem identificados como enterramentos, os esqueletos encontravam-se incompletos, o que dificultou a visualização, nomeadamente, da posição dos membros superiores/mãos e

Tabela I
estratigrafia do Nível III da necrópole do Castelo de Viana do Alentejo

identificação	coordenadas		cotas
Enterramento 4	X = 193,70 a 194,80	Y = 397,30 a 397,70	Z = 101,15 a 101,48
Enterramento 9 Ossuário/complexo 19	X = 198,00 a 198,70	Y = 397,50 a 397,80	Z = 101,82 a 102,00
Ossuário/complexo 21 entre os enterramentos 9 e 10			
Enterramento 10	X = 198,90 a 199,20	Y = 397,40 a 397,80	Z = 102,05 a 102,32
Enterramentos 11 e 12	X = 199,30 a 201,60	Y = 397,60 a 398,00	Z = 101,84 a 101,96
Ossuário /complexo 26			
Enterramento 13	X = 201,80 a 202,70	Y = 397,70 a 398,20	Z = 101,84 a 101,94
Enterramento 14	X = 204,50 a 205,50	Y = 397,50 a 397,70	Z = 102,28

Tabela 2

caracterização antropológica dos enterramentos do Nível III

enterramento	sexo	idade	orientação da inumação (pés)	estatura [cm]
4	feminino	Adulto	Este/Sudeste	161,36
9	-	< 15 anos	Sudeste	-
10	masculino	Adulto	Sudoeste	-
11	-	> 15 anos	Este/Sudeste	-
12	indeterminado	adulto jovem	Este/Sudeste	-
13	masculino	adulto jovem	Este	-
14	masculino	adulto jovem	Este	165,01

membros inferiores/pés. Este foi o caso dos enterramentos 4 e 9, constituídos somente por parte dos membros inferiores, alongados e paralelos entre si. Grande fracção dos esqueletos 10 e 14 permaneceu no interior do perfil Sul ou foi destruída entre as raízes de uma árvore. Do primeiro foram alcançados apenas o osso coxal esquerdo, o sacro e os processos posteriores de vértebras lombares, e do enterramento 14, identificado *in situ* pelo membro inferior esquerdo distendido, foram recolhidos ossos do membro superior esquerdo caídos pela acção da chuva. Dos restantes enterramentos, o número 11 encontrava-se com os braços cruzados sobre o ventre e o membro inferior esquerdo estendido (Figura 2) e o 12 estava com os braços cruzados sobre o peito e os membros inferiores distendidos. De referir ainda que este indivíduo se encontrava sobre os membros inferiores do enterramento 11, o que indica uma cronologia mais recente para o primeiro. O enterramento 13 achava-se entre duas grandes raízes, que o atravessavam e desarticularam nas regiões torácica e dos membros inferiores, tendo apenas sido recuperado parte do fémur direito.

No que diz respeito às faixas etárias, o indivíduo 9 teria uma idade inferior a 15 anos, o designado por número 11 seria um adolescente (> 15 anos) e os restantes cinco eram adultos, três dos quais jovens (< 35 anos). A diagnose sexual foi tentada nos esqueletos de adultos, tendo-se revelado possível em quatro casos: o indivíduo 4, apesar de algumas características, menos dimórficas, associadas ao sexo masculino, seria do sexo feminino e os 10, 13 e 14 masculinos.

No campo morfométrico, a conservação de alguns ossos dos enterramentos possibilitou a determinação da estatura, de índices e de caracteres discretos. O indivíduo 4, do sexo feminino, teria cerca de 161,36 cm (coeficiente de correlação = 0,74; desvio padrão = 3,85), pelo comprimento fisiológico da tibia esquerda. O índice de achatamento da tibia (80) e do fémur direito (96,67) revelaram ossos pouco achatados, ou seja, respectivamente, eurimérico e euricnémico, e a tibia não é robusta (19,66)³. A porção do fémur direito recuperado do enterramento 13 indica um achatamento moderado (90,32). A estatura do enterramento 14, masculino, calculada pelo comprimento máximo do úmero, rondaria os 165,01 cm (coeficiente de correlação = 0,795 e desvio padrão = 4,03). O osso do braço tem robustez elevada, com um índice de 21,52⁴. Para o indivíduo 12, de sexo indeterminado, relativamente aos índices verificou-se que o fémur esquerdo é platimérico (78,79) e a tibia direita é euricnémica (72,73).

Como caracteres discretos registaram-se ossos sesamóides nos pés do indivíduo 4 e o esqueleto 11 possui abertura septal bilateral nos úmeros (Figura 3) e um orifício no arco esquerdo da sexta vértebra cervical, designado por FINNEGAN (1978) como *foramen* bipartido.



← Figuras 2 e 3 →

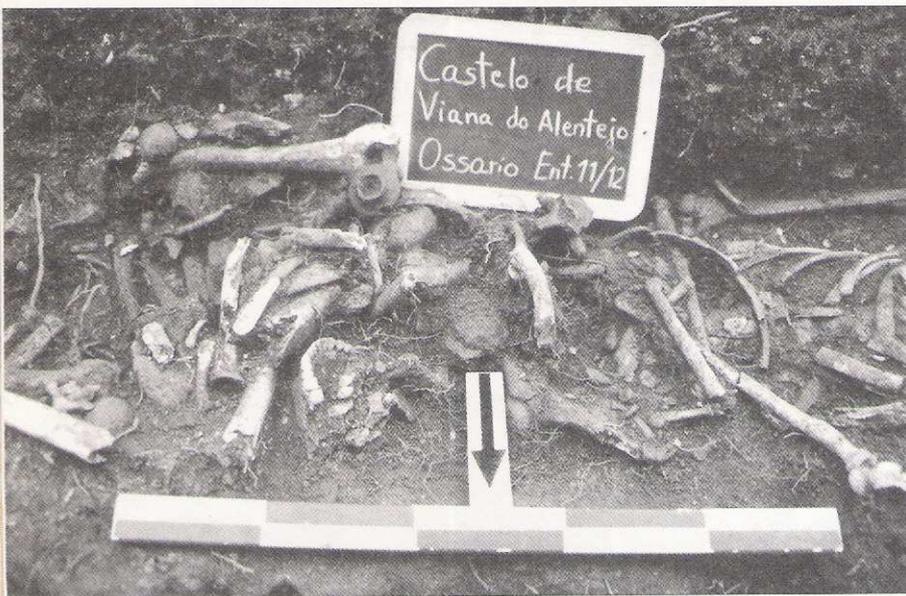
À esquerda, enterramento 11, adolescente inumado no perfil Sul.

Em cima, abertura septal no úmero direito do mesmo enterramento.

Para além dos sete indivíduos exumados, recolheram-se materiais desarticulados aglomerados como ossuários ou como complexos. Sobre o enterramento 9, correspondente a um adolescente, localizava-se o ossuário/complexo 19, constituído por restos ósseos de indivíduos maduros. Entre estes, destaca-se um crânio cujas apófises mastóides são pouco robustas e, portanto, mais características do sexo feminino. Regista-se ainda um úmero esquerdo que indicia ter pertencido a um indivíduo masculino e uma metade distal de um fémur esquerdo bastante grácil. Entre o enterramento 9 e o 10 estava o ossuário/complexo 21. Dele consta um fragmento de crânio e um osso coxal esquerdo de adulto jovem, provavelmente do sexo masculino, o que assinala a presença de mais um indivíduo.

³ Valor médio de robustez da tibia = 20-21 (OLIVIER e DEMOULIN 1990).

⁴ Valor médio do índice de robustez do úmero = 19,5 (OLIVIER e DEMOULIN 1990).



Figuras 4 e 5 ↑

Em cima, ossuário (complexo 26) sobre os enterramentos 11 e 12.

Em baixo, aspecto geral da sepultura I com enterramento 2 (à esquerda), ossuário/complexo 8 (ao centro) e enterramento I (seta).

Junto aos enterramentos 11 e 12 alojava-se o ossuário/complexo 26 (Figura 4). Dele constam dois úmeros esquerdos de jovens, um dos quais de um infante com uma idade à morte inferior a 6 meses, e outro, fragmentado, de maiores dimensões. De um indivíduo ainda mais velho existe uma fíbula direita, com extremidade distal partida e com a proximal por fundir, um fragmento de fémur direito e uma epífise distal não fundida com a mesma lateralidade. Estas peças seriam de um indivíduo entre os 15 e os 21 anos à data da morte, podendo portanto pertencer ao esqueleto do enterramento 11. Entre os ossos pós-cranianos conservaram-se dois úmeros, aparentemente do mesmo indivíduo, com larguras epicondilianas dentro dos valores para o sexo masculino. Recuperaram-se ainda um calcâneo esquerdo com dimensões indefinidas para a diagnose sexual e um astrágalo direito masculino.

Os fragmentos de ossos provenientes das terras de enchimento dos enterramentos 11 e 12 (respectivamente complexo 27 e 28) foram tratados em labo-

ratório como um único conjunto. Neste existem ossos de esqueletos de adultos e de jovens, sendo, precisamente, o número mínimo de dois.

Como cômputo final, pode-se afirmar que nos enterramentos 11 e 12 e nos complexos 26, 27 e 28 existem vestígios de um número mínimo de três indivíduos jovens e dois adultos.

Das terras de enchimento junto ao enterramento 13 foi recolhido o complexo 25, que possui um fragmento de úmero e outro de fémur, ambos de lateralidade direita e sem as epífises fundidas, o que demonstra uma morte na adolescência. Os outros fragmentos poderão pertencer ao enterramento 13, pelo que o número mínimo de indivíduos presentes deste complexo é dois, um adulto e um adolescente.

Nível IV – Este estrato de terra avermelhada muito compacta, com cerca de 0,6 m de potência estratigráfica (Cotas: Z = 101,00 a 101,70 m), localizado 0,3m acima do limite inferior da necrópole, embalava cerâmica comum, medieval e pós-medieval, e um ossuário/complexo 33 associado ao enterramento 15 (X = 204,90 a 206,20, Y = 398,60 a 398,85 e Z = 101,02 a 101,19), cujos membros superiores estavam cruzados sobre o ventre e os inferiores estendidos.

Trata-se de um indivíduo adulto do sexo feminino inumado em decúbito dorsal, com os pés orientados para Este/Sudeste. As fórmulas para o cálculo da estatura em mulheres foram determinadas com base em ossos esquerdos mas, no presente caso, aplicadas ao comprimento máximo do fémur e ao comprimento sem espigas da tibia, ambos direitos, tendo-se obtido uma altura de cerca de 149,73 cm. O fémur e a tibia direitos são respectivamente eurimérico (89,29) e euricnémico (72,41). A robustez da tibia é moderada (21,36), quando o valor médio segundo OLIVIER e DEMOULIN (1990) se situa entre 20 e 21.

Sobre o enterramento 15 estava o ossuário/complexo 33, do qual se recuperaram um primeiro metatársico esquerdo de adulto que poderá pertencer ao indivíduo do enterramento 15 e vários ossos inteiros e fragmentados de um infante. A hemimandíbula direita ainda não estaria fundida com a esquerda, o que ocorre durante o primeiro ano de vida extra-uterina, e o estágio de formação dos dentes revela um intervalo de idade entre o nascimento (± 2 meses) e os 6 meses (± 3 meses). Também o comprimento estimado para o fémur esquerdo e para a tibia direita apontam para uma idade inferior a 6 meses.

Nível V – Substrato geológico de argila à cota do solo actual, no qual foram abertas as sepulturas (Cotas: Z = 99,60 a 100,70m), cujas fossas estão preenchidas por terra castanha escura. É considerada a fase mais antiga da necrópole, com sepulturas de planta oval, rectangular ou trapezoidal, embora a definição dos seus limites tenha sido dificultada por



um período de chuvas decorrido durante a escavação.

Neste estrato (Tabela 3) foram identificadas seis sepulturas (numeradas de 1 a 6) que alojavam oito enterramentos (1, 2, 3, 5, 6, 7, 8 e 16), todos em decúbito dorsal, cujos dados relativos à faixa etária, diagnose sexual, orientação da inumação e estatura estão sintetizados na Tabela 4.

Na sepultura 1 (Figura 5) encontravam-se os indivíduos 1 e 2 e um ossuário, tombado de complexo 8, colocado sobre os pés e pernas do enterramento 2. As inumações estavam orientadas com os pés para Nordeste/Este. O enterramento 1 era constituído apenas pelos pés *in situ* e o ossuário por ossos, inteiros e fragmentados, de um indivíduo adulto. O fémur esquerdo proveniente do material desarticulado é um osso platimérico (79,41), ou seja, com achatamento ântero-posterior. Em laboratório tornou-se bastante plausível a hipótese, colocada ainda durante a investigação no terreno, do ossuário corresponder à redução do enterramento 1. Ao considerar-se o ossuário/complexo 8 como uma redução parcial do enterramento 1/complexo 9, é possível o diagnóstico do sexo com as características observadas a indicar o sexo masculino, tal como havia sido alvitado durante a escavação, e a estimativa da idade à morte pelas metamorfoses sofridas em diversas partes do esqueleto, todas a confirmar uma idade avançada. Os valores obtidos para a estatura, a rondar 162 cm, são mais um indício que os diferentes ossos terão pertencido ao mesmo indivíduo. O fémur esquerdo é um osso platimérico (79,41).

No esqueleto apendicular há a registar no úmero direito um orifício, designado por abertura septal (SAUNDERS 1978), de ocorrência unilateral, único carácter discreto identificado.

Tabela 3

estratigrafia do Nível V da necrópole do Castelo de Viana do Alentejo

identificação	coordenadas		cotas
Sepultura 1	X = 202,70 a 204,30	Y = 399,00 a 400,00	Z = 100,53 a 100,69
Enterramentos 1 e 2			
Ossuário/complexo 8			
Sepultura 2/Vala I	X = 198,50 a 201,70	Y = 398,40 a 399,30	Z = 100,20 a 100,52
Enterramentos 5, 6, 7, 8			
Ossuários/complexos 14 e 17			
Sepultura 3	X = 196,30 a 197,25	Y = 399,50 a 399,80	Z = 100,10 a 100,25
Enterramento 3			
Sepultura 4	X = 190,40 a 192,20	Y = 399,30 a 399,80	Z = 99,90 a 99,76
Sem enterramento			
Sepultura 5	X = 191,50 a 192,70	Y = 398,70 a 399,10	Z = 99,54 a 99,64
Enterramento 16			
Sepultura 6	X = 191,40 a 192,30	Y = 398,00 a 398,50	Z = 99,60 a 99,20
Sem enterramento			

Tabela 4

caracterização antropológica dos enterramentos do Nível V

sepultura	enterramento	sexo	idade	orientação da inumação (pés)	estatura [cm]
1	1	masculino	adulto meia-idade ou idoso	Nordeste/Este	162,10
	2	-	5-8 anos	Nordeste/Este	-
2/Vala I	5	indeterminado	adulto jovem	Este	-
	6	masculino	adulto	Este	169,58
	7	masculino	adulto	Este	-
	8	masculino	adulto meia-idade	Este	162,40
3	3	-	3-4 anos	Este	-
5	16	-	11 anos ± 30 meses	Este/Sudeste	-

O enterramento 2 estava parcialmente sobreposto ao nível dos pés e dos membros inferiores pelo ossuário/complexo 8. A inumação efectuou-se com a mão direita sobre a pélvis e a simétrica lateralmente ao ilíaco esquerdo (Figura 6), enquanto os membros inferiores estavam distendidos. O estado de conservação bastante razoável, apesar da humidade do solo, constituído por argila arenosa, e das raízes, permitiu a exumação de quase todo o esqueleto, nomeadamente o manúbrio e duas partes constituintes do corpo do esterno, regiões bastante delicadas. Em laboratório foi crivada a terra retirada junto à bacia e aos fémures, assim como a recolhida junto às pernas, donde se obtiveram, respectivamente, ossos das mãos e dos pés.

Este jovem possuía dentição mista, com os 20 dentes deciduais presentes. No maxilar distinguem-se as coroas não erupcionadas dos pré-molares direitos,

↑ **Figura 6**

Em cima, à esquerda, criança do enterramento 2 com cerca de 5 a 8 anos à data da morte.



← Figura 7

Aspecto geral da sepultura 2/vala 1. De baixo para cima: enterramento 6, ossuário/complexo 14, enterramentos 7, 8 e 5.

O enterramento 5, do qual restavam apenas o crânio e os membros superiores, encontrava-se com a cabeça para Oeste, a face voltada para Norte e os membros superiores cruzados sobre o ventre. O restante esqueleto provavelmente terá sido removido para permitir a colocação do enterramento 8. No momento da escavação, o estado de preservação deste indivíduo era já bastante débil, mesmo quando comparado com os restantes. Após a exumação e a limpeza persistem apenas pequenos fragmentos de ossos longos e dentes. Consequentemente, a diagnose sexual foi impossível e as medições, efectuadas no campo, são incertas pois as epífises estavam danifi-



Figura 8 →

Enterramento 7 (seta) e ossuário/complexo 14 (à esquerda).

dos primeiros molares e do segundo molar esquerdo; na hemimandíbula esquerda manteve-se o segundo incisivo definitivo, com a raiz quase formada, e a coroa do canino e à direita a coroa do primeiro molar permanente a erupcionar. Este estágio de erupção e de desenvolvimento dentários indicam uma idade à morte de 6 anos \pm 24 meses. Esta faixa etária é corroborada pela facta do ísquio e do púbis se encontrarem fundidos, o que ocorre entre os 5 e 8 anos, e pelos comprimentos dos ossos longos. Devido à fragilidade de algumas peças esqueléticas, estas medidas, em muitos casos, somente foram obtidas durante a exumação.

A exposição dos restos humanos que levaram à identificação da sepultura 2 revelou a existência de quatro inumações (enterramentos 5, 6, 7 e 8), dois ossuários (complexo 14 e 17) e ainda alguns ossos dispersos na terra de enchimento da fossa da sepultura, acondicionados como complexo 07. Atendendo ao número de indivíduos e ao espaço ocupado, com 2,80 m de comprimento definidos por uma mancha de terra escura, foi acrescentada à sepultura 2 a designação Vala 1 (Figura 7).

cadás. A dentição está completa à excepção do primeiro incisivo central superior esquerdo e do terceiro molar inferior. Os segundos molares estão completamente desenvolvidos, enquanto que nos terceiros só a coroa está formada, revelando assim um jovem adulto.

Do enterramento 6 só foram recuperados os membros inferiores, paralelos entre si e com os pés para Este. A morfometria verificada no campo sugeriu que o indivíduo 6 seria um adulto do sexo masculino, o que veio a confirmar-se em laboratório. A estatura, calculada com base no comprimento máximo da tibia direita, é de 169,58 cm. Uma última observação registou nos calcâneos a separação das faces articulares tálares anterior e média, carácter discreto que SAUNDERS (1978) designou por faceta articular dupla. Provavelmente, este indivíduo foi parcialmente removido para colocação do denominado enterramento 7, que se situa num nível superior, conforme é visível na Figura 8. Deste último, apenas se preservaram parte dos membros inferiores, orientados para Este. Os restos osteológicos preservados unicamente permitem afirmar que pertence-

riam a um indivíduo adulto, provavelmente do sexo masculino. Regista-se ainda a presença de uma face-articular na região distal da tíbia esquerda.

Este enterramento terá sido parcialmente destruído com a abertura da fossa do enterramento 8, que se encontrava depositado com o crânio para Oeste e a face voltada para cima, os pés para Este, com os membros superiores cruzados sobre a bacia e os inferiores rectilíneos. Este indivíduo encontrava-se parcialmente sob o perfil Sul, pelo que só foi possível registar o hemiesqueleto esquerdo (Figura 9). O solo encontrava-se com muitas raízes, sobretudo ao nível do tórax, daí o seu péssimo estado de preservação. Muito possivelmente, os vestígios ósseos resgatados pertenceram a um adulto de meia-idade, de sexo masculino. O comprimento máximo do fémur determinado durante a exumação equivale a uma estatura de 162,40 cm. Evidentemente esta medida deverá ser encarada com bastante reserva. Este fémur tem um achatamento muito acentuado (71,79 quando o limite inferior de platimeria é de 75) e a tíbia esquerda é mediamente achatada (68,42) ou meso-cnémia.

O ossuário/complexo 14 (Figura 8) localizava-se junto aos pés do enterramento 7 e aos membros inferiores do enterramento 6 e o ossuário/complexo 17 estava sobre a fossa do enterramento 8 e ao lado do enterramento 7, ou seja, muito próximos. A Oeste do enterramento 5 havia fragmentos ósseos de pequenas dimensões que foram recolhidos como ossos de limpeza da vala 1/complexo 07. Para cada um destes complexos foi elaborado um inventário mas, e uma vez que estas unidades de recolha são artificiais, optou-se pelo estudo como se de um único ossuário se tratasse.

Antes do mais, convém referir que estes complexos alojam ossos de adultos e de jovens e dentes definitivos, ao passo que os esqueletos exumados desta vala são todos de adultos e estão bastante incompletos. Logo, pode ser colocada a hipótese dos remanescentes dos ossuários serem peças removidas dos enterramentos e, assim, o número mínimo de indivíduos adultos permaneceria em quatro. Outra suposição admissível é que os ossuários não fazem parte das inumações e, neste caso, o número mínimo de adultos aumenta para seis.

No que diz respeito aos não adultos, o número mínimo é também de dois indivíduos, informação dada pela presença de dois fémures, de tamanhos diferentes.

A diagnose sexual foi ainda tentada em dois úmeros, um direito (complexo 14), cuja largura epicondilar corresponde a valores comuns nos homens, e um esquerdo (complexo 17) com a epitróclea lateral, com ligeira destruição, a situar-se no ponto de cisão entre os sexos. Um fémur esquerdo (complexo 14) terá pertencido a um indivíduo com uma estatura de 169,66 cm (coeficiente de corre-



lação = 0,852 e desvio padrão = 3,48), quando consideradas as equações para o sexo masculino.

Na sepultura 3 identificou-se o enterramento com o mesmo número, com a cabeça para Oeste, a face voltada para Norte, e os pés posicionados a Este. O membro superior esquerdo estava colocado sobre a bacia e o direito flectido sobre o peito, o membro inferior esquerdo estava estendido e o direito ligeiramente flectido (Figura 10). Parte dos membros inferiores encontravam-se sob saibro que, inicialmente, parecia ser uma camada geológica estéril. Depois da sua remoção observou-se um jovem em fraco estado de preservação, contributo, provável, da humidade do solo barrento. As raízes de plantas invadiram esta sepultura penetrando no crânio e, longitudinalmente, no perónio esquerdo, provocando danos graves, não obstante terem sido removidas com o auxílio de uma tesoura. Devido à fragilidade dos ossos, foi necessário levantar em bloco várias partes do esqueleto, assim permanecendo, após a limpeza em laboratório, o crânio. Foi também recolhida em sacos separados a terra, posteriormente crivada, circundante aos membros superiores e inferiores, entre outras regiões. Todos os dentes encontram-se soltos, pois os maxilares estão fragmentados. A dentição existente equivale a uma criança de

↑ Figuras 9 e 10

Em cima, enterramento 8 parcialmente alojado no perfil Sul.

Em baixo, enterramento 3, de um jovem com cerca de 3-4 anos de idade à morte.

4 anos \pm 12 meses. Um intervalo de idade idêntico, entre os 3 e os 4 anos, foi obtido pelo comprimento dos ossos longos.

A sepultura 4 encontrava-se escavada no substrato geológico e apresentava uma planta oval no limite Este (pés?) e trapezoidal no lado Oeste (cabeceira?). Esta sepultura não evidenciava quaisquer vestígios de ossos humanos, pelo que poderá não ter sido utilizada.

A sepultura 5 estava parcialmente sobreposta por uma camada de entulho de uma vala, tendo o seu limite Sul sido parcialmente cortado pela abertura posterior da vala ⁵. A fossa, de planta oval, foi escavada no substrato geológico, onde se confirmou a presença do enterramento 16, orientado com a cabeça para Oeste/Noroeste, a face voltada a Sul e os pés para Este/Sudeste. Os membros superiores estavam cruzados sobre o ventre e os inferiores estendidos. Este corresponde a um esqueleto bastante completo de um indivíduo (Figura 11) com 11 anos \pm 30 meses no momento da morte. No total, preservaram-se 28 dentes erupcionados e quatro coroas no interior dos alvéolos. Para além deste esqueleto em articulação, recolheram-se também na área intervencionada outros restos osteológicos humanos aglomerados em três complexos, pois não podem ser considerados osuários. Refira-se a presença de esquirolas reunidas no complexo 40, três ossos de adultos (navicular e dois metatársicos) e uma clavícula direita de jovem no complexo 43 e fragmentos de ossos de indivíduos adultos, onde se incluem um primeiro metatársico e um canino inferior esquerdo, no complexo 36.

A sepultura 6 encontrava-se delineada no substrato geológico no lado Oeste (ao nível da possível cabeceira), mas cortada na restante área. A abertura da vala de entulho em época posterior afectou directamente esta sepultura, destruindo-a quase por completo. Encontrava-se preenchida por uma camada de terra castanha com muitas pedras, telha e carvões ("entulho"), não tendo sido detectado espólio osteológico humano.

Nas quatro sepulturas encontravam-se três crianças (enterramentos 2, 3 e 16) e cinco adultos, um jovem e outro provavelmente idoso. Quatro dos indivíduos adultos eram do sexo masculino e num (enterramento 5) foi impossível diagnosticar este parâmetro.

A cronologia de utilização destas sepulturas não pode ser devidamente esclarecida, por se ter verificado uma mistura de espólio medieval e pós-medieval ⁶. Na sepultura 1 recolheu-se um fragmento de cerâmica vidrada a verde dos séculos XV-XVI, integrando também um fragmento de faiança e de porcelana moderna, o que poderá ter resultado de uma intrusão posterior. Na sepultura 4 registou-se um fragmento de copo em cerâmica comum, provavelmente dos séculos XIV-XV, enquanto na sepultura 5 se evidenciou espólio medieval e pós-medieval. Na

Figura 11 →

Enterramento 16, criança com cerca de 11 anos \pm 30 meses, registado na sepultura 5.



sepultura 6 verificou-se a presença de cerâmica vidrada, do século XV-XVI. Com base nestes resultados, e dada a escassez de espólio datável, consideramos que definir uma cronologia exacta e segura é difícil, mas poderá ser eventualmente atribuída uma data de utilização entre os séculos XV-XVI.

A relação cronológica entre a necrópole e a edificação da Igreja da Misericórdia no início do século XVI também se demonstrou problemática. No decurso dos trabalhos verificou-se que a parede Sul do edifício dos antigos Paços do Concelho, originalmente instalações anexas da Igreja, não tinha alicerces de fundação, estando a base da parede já a uma cota superior em relação ao solo actual onde se encontra o nível V da necrópole. Pela cronologia do espólio recolhido, consideramos que a fase inicial de utilização deste espaço como necrópole poderá ser contemporânea da construção da Igreja.

4. Conclusões

O trabalho desenvolvido no Castelo de Viana do Alentejo permitiu escavar a área prevista para a construção do muro de contenção dos aterros do actual jardim e registar a existência de cinco níveis de ocupação funerária deste espaço, dos quais dois (Nível I e II) não foram escavados por se localizarem numa área que não irá ser afectada pela obra de valorização do monumento.

A definição de uma datação exacta para os diversos níveis da necrópole torna-se difícil, dado o escasso espólio recolhido e a mistura de materiais de época medieval e pós-medieval, mas consideramos que ao nível mais antigo (Nível V) pode ser eventualmente atribuída uma cronologia de utilização

⁵ Os contextos associados à vala revelam espólio cerâmico de cronologia medieval e pós-medieval, com a presença de cerâmica de construção moderna intrusiva (telhas actuais), certamente correspondentes à utilização desta área como lixeira ou como depósito de entulhos resultantes de obras de reabilitação do Castelo de Viana do Alentejo.

⁶ O espólio arqueológico registado no interior das sepulturas corresponde certamente à terra existente na área envolvente aquando da sua abertura para deposição dos enterramentos, não havendo espólio directamente associado às inumações.

entre os séculos XV-XVI. Neste contexto, a utilização do espaço intramuros como área de necrópole deverá ter tido início com a construção das Igrejas da Misericórdia e Matriz.

A escavação na área de necrópole e o estudo dos restos osteológicos humanos recuperados (Níveis II, IV e V) junto à Igreja da Misericórdia e ao edifício dos antigos Paços do Concelho revelou que das sepulturas escavadas do solo e do perfil Sul foram exumados 16 esqueletos em articulação, todos em decúbito dorsal e com orientações diversas (Figura 12). A orientação dos enterramentos não revela uma homogeneidade das regras de inumação em cada um dos níveis detectados, o que pode indiciar várias fases de inumação, embora inseridos no mesmo contexto cronológico.

Para além destes, encontrou-se espólio desarticulado, proveniente de sete ossuários e quatro complexos de recolha, o que soma no mínimo oito indivíduos. Contabilizando o conjunto, já que alguns ossos parecem ter pertencido aos indivíduos articulados, o número mínimo de indivíduos reduz-se para 21.

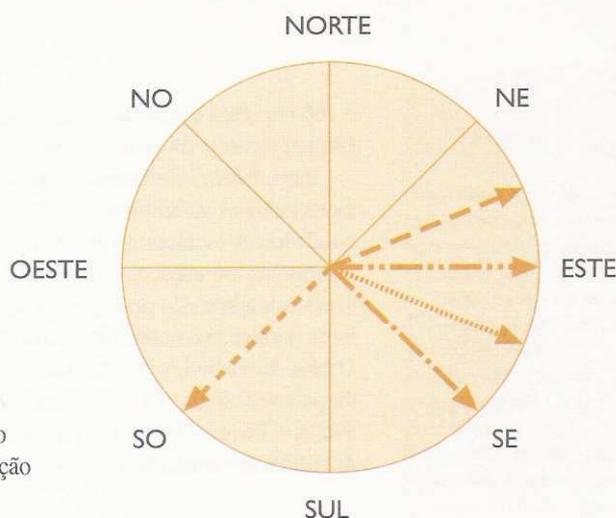
Analisados os parâmetros demográficos, constata-se que estão representados oito jovens (38,1%) e 13 adultos (61,9%), dos quais sete são indivíduos masculinos (53,8%), dois femininos (15,4%) e quatro considerados de sexo indeterminado (30,8%). Todas as faixas etárias crê-se estarem representadas: dois infantes, um dos quais com menos de 6 meses à data da morte, três crianças, um adolescente e dois indivíduos em que foi impossível estimar a idade. Dos restantes sujeitos, cinco são jovens adultos, um idoso e em sete apenas se pode afirmar que são adultos. A reduzida área escavada e os diferentes níveis cronológicos impedem interpretações sobre a idade à morte e a proporção dos sexos, tanto para a amostra

estudada como para a população em geral.

De igual modo estão limitadas as considerações sobre a morfometria dos indivíduos. A sua pesquisa foi realizada mas, a fragmentação de muitos ossos e o reduzido tamanho da amostra, impelem à prudência na sua análise. No geral, existe achatamento acentuado nos fémures e mediano nas tíbias. A robustez é fraca a moderada nas tíbias e forte no úmero.

A conservação do material impossibilitou a observação de bastantes locais de pesquisa de caracteres epigenéticos, o que, conjuntamente com o pequeno número de indivíduos representados, não permite interpretações fidedignas quanto à sua representatividade. Todavia, identificaram-se um *foramen* bipartido numa vértebra cervical, abertura septal em úmeros, faceta articular dupla em calcâneos e na porção distal de tíbias.

A estatura média obtida para os quatro indivíduos do sexo masculinos é 164,66 cm, sendo o mais alto da amostra (169,66 cm) proveniente de um ossuário. Estes valores encaixam perfeitamente nas médias alcançadas por WASTERLAIN (2000) em séries medievais, nas quais a estatura se situa entre 165



↑ Figura 12

Orientação dos enterramentos exumados no Castelo de Viana do Alentejo (a direcção da seta no gráfico indica a orientação dos pés de cada indivíduo).

- > Enterramentos 1 e 2
- - - -> Enterramentos 3, 5, 6, 7, 8, 13 e 14
- > Enterramentos 4, 11, 12, 15 e 16
- > Enterramento 9
- > Enterramento 10

Archeofactu

Intervenções de conservação e restauro

Conservação preventiva

Consultadoria

Apoio a escavações arqueológicas

e 166 cm. Para o sexo feminino a determinação da estatura somente foi possível num caso (161,36 cm).

Estes foram os elementos paleodemográficos e morfométricos auferidos para os restos osteológicos estudados. A escassez de estudos publicados sobre necrópoles em espaços exteriores a igrejas, adjacentes aos adros, não permite neste momento estabelecer paralelismos com locais análogos e coevos. Outros desenvolvimentos nomeadamente no campo da paleopatologia (GONÇALVES e TEICHNER 2003; Santos e Tavares 2003; Gonçalves *et al.* 2003) serão discutidos em trabalhos vindouros.



Bibliografia

BEDFORD, M.; RUSSEL, K.; LOVEJOY, C. e MEINDL, R. (1991) – *The Auricular Surface: 16 slides of aging technique with description*. Kent (Ohio): Kent State University.

BRUZEK, J. (2002) – “A Method for Visual Determination of Sex, Using the Human Hip Bone”. *American Journal of Physical Anthropology*, 117(2): 157-168.

BUIKSTRA, Jane e UBELAKER, Douglas, eds. (1994) – *Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains. Proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History*. Fayetteville: Arkansas Archeological Survey. (Arkansas Archeological Survey Research Series, 44).

CID, Pedro (2003) – *Projecto de Investigação sobre o Castelo de Viana do Alentejo*, em curso [não publicado].

ESPANCA, Túlio (1978) – *Inventário Artístico de Portugal. Concelho de Viana do Alentejo*. Lisboa: Academia Nacional das Belas Artes, vol. I.

FERREBACH, D.; SCHWIDEITZKY, I. e STLOUKAL, M. (1979) – “Recommandations pour Déterminer l'Âge et le Sexe sur le Squelette”. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, 6(13): 7-45.

FINNEGAN, M. (1978) – “Non-metric Variation of the Infracranial Skeleton”. *Journal of Anatomy*, 125(1): 23-37.

GIL, Júlio (1924) – *Os Mais Belos Castelos e Fortalezas de Portugal*. Viana do Alentejo. 1ª ed., texto de Júlio Gil; fotografia de Augusto Cabrita; prefácio de Joaquim Veríssimo Serrão. Lisboa: Verbo.

GONÇALVES, Ana e TEICHNER, Félix (2003) – *Intervenção Arqueológica no Castelo de Viana do Alentejo - Fase I. Relatório Final do Trabalho Realizado no âmbito da Obra de Valorização e Enquadramento Paisagístico do Monumento*. Évora: ARKHAIOS. Relatório elaborado para o IPPAR-DRE em Agosto de 2003 [não publicado].

GONÇALVES, Ana; SANTOS, Ana Luísa; TAVARES, Paula e TEICHNER, Félix. (2003) – *Intervenção Arqueológica e Antropológica no Castelo de Viana do Alentejo - Fase II. Relatório Final do Trabalho Realizado no âmbito da Obra de Valorização e Enquadramento Paisagístico do Monumento*. Évora: ARKHAIOS. Relatório elaborado para o IPPAR-DRE em Agosto de 2003 [não publicado].

GONÇALVES, Ana e SILVA, Ricardo (2002) – *Acompanhamento Arqueológico de Obra. Valorização e Enquadramento Paisagístico. Castelo de Viana do Alentejo. Relatório final do trabalho desenvolvido*. Évora: ARKHAIOS. Relatório elaborado para o IPPAR-DRE em Novembro de 2002 [não publicado].

HERMANN, B.; GRUPE, G.; HUMMEL, S.; PIEPENBRINK, H. e SCHUTKOWSKI, H. (1990) – *Prähistorische Anthropologie. Leitfaden der Feldund Labormethoden*. Berlin: Springer-Verlag.

MACLAUGHLIN, S. M. (1990) – “Epiphyseal Fusion at the Sternal end of the Clavicle in a Modern Portuguese Skeletal Sample”. *Antropologia Portuguesa*, 8: 59-68.

MASSET, Claude (1982) – *Estimation de l'Âge au Décès par les Sutures Crâniennes. Thèse Doctorat en Sciences Naturelles*. Paris: Université Paris VII [não publicado].

OLIVIER, George (1960) – *Pratique Anthropologique*. Paris: Vigot Frères.

OLIVIER, G.; AARON, C.; FULLY, G. e TISSIER, G. (1978) – “New Estimations of Stature and Cranial Capacity in Modern Man”. *Journal of Human Evolution*, 7(6): 513-518.

OLIVIER, George e DEMOULIN, Françoise (1990) – *Pratique Anthropologique à l'Usage des Étudiants. I. Osteologie*. Paris: Université Paris 7.

SANTOS, Ana Luísa (1995) – *Certezas e Incertezas Sobre a Idade à Morte. Trabalho de síntese, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica*. Coimbra: Departamento de Antropologia, FCT, Universidade de Coimbra [não publicado].

SANTOS, A. L.; CUNHA, E.; DAMASO, N. e MARRAFA, C. (1991-1992) – “Ficha Antropológica: a utilizar na escavação”. *Antropologia Portuguesa*, 9-10: 67.

SANTOS, Ana Luísa e TAVARES, Paula Meneses (2003) – *Relatório de Escavação Antropológica e do Estudo dos Restos Humanos Exumados do Castelo de Viana do Alentejo. 1ª Fase*. Coimbra: Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra. Relatório elaborado para o IPPAR-DRE em Agosto de 2003 [não publicado].

SAUNDERS, Shelley R. (1978) – *The Development and Distribution of Discontinuous Morphological Variation of the Human Infracranial Skeleton. Thesis for the degree of Philosophy-University of Toronto*. Ottawa: National Museums of Canada (Archaeological Survey of Canada, 81).

SCHUEER, L. e BLACK, S. (2000) – *Developmental Juvenile Osteology*. London: Academic Press.

UBELAKER, Douglas (1989) – *Human Skeletal Remains: excavation, analysis, interpretation*. 2nd ed. Washington: Taraxacum Washington (Manuals on Archaeology, 2).

WASTERLAIN, Sofia N. (2000) – *Morphé: análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da coleção de esqueletos identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana. Coimbra: Departamento de Antropologia, FCT, Universidade de Coimbra [não publicado].

PUBLICIDADE

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA



DISPONIBILIDADE PARA MOLDAGEM
E REPRODUÇÃO DE TODO O TIPO DE
MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS E
PALEONTOLÓGICOS.

CONTACTE-NOS!

APARTADO 603 (PRAGAL) • 2801-602 ALMADA
tel. / fax: 212 766 975 • E-mail: c.arqueo.alm@mail.telepac.pt



Design: CAA / Vera Almeida • 1998

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a colaboração de Elisa Puch Ramirez, autora dos desenhos, de Filipe Bários, José Carlos Xabregas, Rita Domingos e Sílvia Ramos, estudantes estagiários do Departamento de Antropologia, bem como dos técnicos Cidália Matos, Cláudia Nobre e Manuel Pica, que participaram na escavação.